



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

CAMILA PROHMANN GONÇALVES

VIVÊNCIAS DE UMA LICENCIANDA E OS ASPECTOS
PSICOSSOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

MATINHOS

2018

CAMILA PROHMANN GONÇALVES

**VIVÊNCIAS DE UMA LICENCIANDA E OS ASPECTOS
PSICOSSOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Joucoski

MATINHOS

2018



Ministério da Educação
 Universidade Federal do Paraná
 Setor Litoral
 Curso de Licenciatura em Ciências

UFPR
 Litoral
 Educação e a nossa prática

PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora realizaram em 03/12/2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de **CAMILA PROHMANN GONÇALVES**, sob o título "Vivências de uma licencianda e os aspectos psicossociais no contexto escolar", como requisito parcial para obtenção do Título de *Licencianda em Ciências* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante sido Aprovada.

Matinhos, 03 de DEZEMBRO de 2018.

Prof. Dr. EMERSON IOUCOSKI
 Orientador

Prof.^a Dra. LENIR MARISTELA SILVA
 Membro da Banca

Prof. DR. RANGEL ANGELOTTI
 Membro da Banca

CAMILA PROHMANN GONÇALVES
 Estudante

DEDICATÓRIA

Dedico toda minha trajetória emancipatória de Graduanda em Licenciatura em Ciências a pessoa mais importante de toda a minha vida, meu pai, **Marcos Gonçalves**, que me ensinou a viver de maneira digna, sem ele eu não conseguiria estar nesse local de privilégios e oportunidades.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente não poderia deixar de agradecer meu Pai, por sempre me apoiar nas minhas mais loucas experiências de vida, ele que jamais deixou que eu ficasse sem esperanças de viver.

Ao meu amor, Deryk, pelos seis anos juntos, mesmo quando ficamos distantes por conta da faculdade, nunca deixou de me incentivar, me ajudou a chegar até aqui e por me acompanhar nessa aventura que é nossa vida.

À minha Mãe, Izabel, que me levou em todos meus primeiros dias na escola e na faculdade não seria diferente. Por ser um colo para chorar e uma companhia pra rir, por todo apoio sempre.

Aos meus amigos que me acompanharam nessa odisséia: Luiz King, Bruna, Valéria, Daiane e Bruno que foram essenciais durante a caminhada ao longo desses quatro anos.

Ao meu Mestre e Orientador, Professor Emerson Joucoski, que mediou todos meus projetos durante o curso, por mais diferentes que fossem entre si, nunca me desanimou e sempre acreditou no meu potencial.

À UFPR Litoral, o Curso de Licenciatura em Ciências e todos os professores, por proporcionarem essa maravilhosa experiência.

Obrigada a todos por não me deixarem desistir.

Apesar de tudo eu ainda creio na bondade humana. Aquele que é feliz espalha felicidade. Aquele que teima na infelicidade, que perde o equilíbrio e a confiança, perde-se na vida. Enquanto puderes erguer os olhos para o céu, sem medo, saberás que tens o coração puro, e isto significa felicidade.

Anne Frank

RESUMO

A presente Monografia relata as vivências e os aspectos psicossociais no contexto escolar e suas reflexões durante o Estágio Supervisionado de uma graduanda em Licenciatura em Ciências da Universidade Federal do Paraná no Setor Litoral. O Estágio Supervisionado foi realizado no Colégio Estadual Gabriel de Lara, na cidade de Matinhos, entre 2015 a 2017. Durante os Estágios I e II o foco principal foi a observação e regência com turmas do sétimo ano. No Estágio Supervisionado III desenvolvi o projeto “contra o *bullying* e prevenção do suicídio”, onde elaborei um grupo de conversa com alunos do oitavo e nono ano durante o contra turno, nesse período os estudantes tinham um espaço aberto para os diálogos e trocas de experiências. Os objetivos foram promover a comunicação e a interação de adolescentes de diversas salas, com a conscientização dos estudantes, e estruturar um ambiente seguro dentro da escola, onde pudessem ser debatidos inúmeros temas além do *bullying* e prevenção do suicídio, como gênero, sexualidade, machismo, racismo e discriminação social e outros temas da nossa atualidade. Durante o Estágio IV tive a experiência da docência compartilhada, dessa vez no período noturno do colégio, mas com o eixo central de educação ambiental, onde criamos uma horta vertical sustentável na escola.

Palavras-chave: Estágio. Prevenção do Suicídio. *Bullying*. Educação Ambiental. Horta Vertical.

ABSTRACT

The presented Undergraduate Thesis reports the experiences and the psychosocial aspects during school and their reflections during the Supervised Internship of an undergraduate Degree in Sciences from the Universidade Federal do Paraná in the Coast Sector. The Supervised training was conducted at Colégio Estadual Gabriel de Lara, in the city of Matinhos, between 2015 to 2017. During the Stages I and II the main subject was the observation and conducting classes in the seventh grade. In the Supervised Internship III I developed the project “against bullying and suicide prevention”, where I made a group conversation with the students in the eighth and the ninth year during the against the turn, in this period, the students had an open space for dialogue and exchange of experiences. The objectives were to promote communication and interaction for the adolescents of various rooms, with the awareness of the students, and structuring a safe environment within the school, where they could be discussed numerous topics in addition to bullying and suicide prevention, such as gender, sexuality, machism, racism and social discrimination, and other topics of our our present-day. During the Stage IV, I had the experience of teaching shared, this time in the evening period of the college, but with the central axis of environmental education, where we created a vertical garden sustainable in the school.

Keywords: Supervised Training. Suicide Prevention. Bullying. Environmental Education. Vertical Garden.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	MEMORIAL	3
3	REVISÃO DA LITERATURA.....	7
3.1.	Bullying e Prevenção do Suicídio	7
3.2.	Emoções em Vigotski.....	11
3.3.	Rodas De Conversa	12
3.4.	Conteúdos Estruturantes/Diretrizes Curriculares	14
3.5.	Uso de Recursos Multimídia	14
3.6.	Pesquisa-Ação	15
3.7.	Educação Ambiental	16
4	RECONHECIMENTO DO COLÉGIO	17
5	ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS I E II	18
5.1.	Estágio Supervisionado I.....	18
5.2.	Estágio supervisionado II	19
6	ESTÁGIO SUPERVISIONADO III	20
6.1.	Contra o <i>Bullying</i> e Prevenção do Suicídio no Contexto Escolar	22
6.2.	Relatos das Vivências.....	23
6.3.	Reflexão sobre o Projeto	26
7	ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV	26
7.1.	Relatos das Vivências.....	28
7.2.	Reflexões sobre o Estágio IV	29
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
9	REFERÊNCIAS	31
10	FILMOGRAFIA.....	35

1 INTRODUÇÃO

A proposta desta monografia foi abordar minha trajetória, vivências, atividades desenvolvidas e reflexões, observando de uma perspectiva psicossocial o comportamento de alunos adolescentes desde o sexto ano até o nono ano, durante o Estágio Supervisionado Obrigatório do Curso de Licenciatura em Ciências da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral.

No capítulo Memorial, relato toda a minha trajetória escolar desde o Ensino Fundamental I até o egresso na Universidade Federal do Paraná no ano de 2015. Na leitura do Capítulo Revisão de Literatura, se destaca o tema principal de *bullying* e Prevenção do suicídio, justificando a importância de debater sobre esses temas. Citando emoções em Vigotski para compreender melhor os processos emocionais dos adolescentes. Após, justifico a escolha da metodologia de roda de conversa durante a realização do projeto na escola. Durante todas as etapas do Estágio Supervisionado foram utilizados recursos multimídia em meio a todas as metodologias, que é um dos tópicos discutidos no capítulo, citando Paulo Freire. Referencio ainda o que são Conteúdos Estruturantes e Diretrizes de Base, também menciono Pesquisa-Ação e Educação Ambiental, que foram temas trabalhados no Estágio Supervisionado IV.

Na sequência, Reconhecimento do Colégio conta com a justificativa de escolha da escola, a história da instituição e seu regimento. Ainda detalho a estrutura física do colégio, bem como seu horário de funcionamento.

Todas as etapas do Estágio Obrigatório foram realizados no Colégio Estadual Gabriel de Lara, que está situado no centro do município de Matinhos. Durante os estágios supervisionados I e II ocorreu o período de observação e regências, onde foi realizado o reconhecimento da escola, bem como algumas atividades com as turmas supervisionadas de sétimo ano, com as temáticas bimestrais. Foram individuais e desenvolvidos no período da tarde, com turmas de sétimo e oitavo anos com a supervisão da professora Anisther Fabretti Bossoni Saikali, formada em Ciências Biológicas. O Estágio II foi iniciado com a Professora Anisther, porém ela saiu de licença e segui com a Professora Tânia. Relato atividades desenvolvidas em sala de aula com as turmas do sétimos anos sobre origem da vida.

No Capítulo do Estágio III detalho as atividades realizadas em sala de aula com a Professora Anisther com os oitavos anos sobre Os Cinco Sentidos, ainda tive a

oportunidade de desenvolver atividades em conjunto com o Projeto de Aprendizagem a criação do Projeto “Contra o *Bullying* e Prevenção do Suicídio no contexto escolar”, onde trabalhei com estudantes de oitavo e nono ano no período contra turno da escola, realizando rodas de conversa, intervenções artísticas pela escola e muito mais. Relato todas as etapas que foram desenvolvidas durante o projeto, bem como suas justificativas referenciadas e as reflexões que tive sobre o projeto como um todo.

O Estágio IV foi realizado no período noturno, também no Colégio Estadual Gabriel de Lara. Foi a primeira experiência com docência compartilhada, com uma turma de nono ano e a supervisão da professora Wânia Barros, também formada em Ciências Biológicas. Foram realizadas atividades com a temática de resíduos sólidos como eixo central, a criação de uma horta na escola.

O Estágio Supervisionado é parte importante do processo formativo, pois permite ao estudante o contato com o ambiente em que atuará profissionalmente, além de fortalecer a relação entre teoria e prática, criando um importante momento para a formação tanto pessoal como profissional.

2 MEMORIAL

Nasci em 1996 em Curitiba, morei com os meus pais e meu irmão mais velho Alexandre numa casa pequena de madeira. Comecei a frequentar a escola com seis anos de idade. Antes disso eu passava o dia com a minha mãe em casa, mas sempre sendo incentivada a juntar sílabas, escrever meu nome, ler contos de fadas e gibis.

No Ensino Fundamental I, estudei na Escola Municipal Theodoro de Bona. Minha professora da primeira e segunda série se chama Rosely e lembro que ela era extremamente formal enquanto falava, achava isso engraçado porque era diferente pra minha realidade. Recordo-me do primeiro dia de aula, a professora Rosely estava explicando sobre dinossauros e fiz um desenho com dinossauros e vulcões no fundo, achava vulcões lindos.

Na terceira série foi a professora Gení, ela tinha cabelo curto e era ruiva, lembro que ela fazia várias brincadeiras na sala, eu adorava. Na quarta série foi a professora Célia, era alta, tinha um corte *chanel* no cabelo e muito divertida!

Na escola eu acredito que era uma aluna boa, realmente não me lembro, só me recordo de ser péssima em matemática, meu pai colava a tabuada na beira da minha cama pra eu dormir decorando, mas detestava aquilo, realmente odiava matemática. Mas adorava leitura, com nove anos eu já lia livros de literatura, adorava a coleção vagalume e minha mãe sempre me levava à Biblioteca Pública do Paraná, sempre achei esse lugar mágico.

Quando eu estava na quarta série (tinha nove anos) uma tia minha se separou do marido e foi morar na nossa casa, com os três filhos. O menino mais velho, Fabiano, tinha sete anos, a Larissa tinha quatro e a Nicolli tinha um ano. Eles ficaram pouco tempo na nossa casa, o Fabiano foi estudar na minha escola, ele era bastante manhoso, chorava por qualquer coisa e eu me irritava muito com ele e nós só brigávamos, lembro de bater muito nele porque eu era brava demais. Eu gostava bastante da Larissa e lembro de brincar muito de professora com ela, um dos brinquedos que eu mais gostava era meu quadro-negro, nessa época durante a tarde eu ia pra creche com ela e ajudava a cuidar das crianças menores, a dona da creche era a professora Gení (da minha terceira série). Não me lembro quanto tempo eles moraram na nossa casa, mas foi a única época da minha infância que brinquei com outras crianças.

Passei para a quinta série e precisei mudar de escola, afinal, entrei no Ensino Fundamental II e lembro que na época meus pais queriam que eu estudasse no Colégio

Estadual Santa Cândida, é um colégio de freiras considerado um dos melhores e mais rígidos da região. Minha mãe conseguiu uma vaga porque meus irmãos e primos que tinham estudado lá.

Quando mudei de escola tudo mudou, no Theodoro de Bona eu era acostumada a ser a mais alta da turma, eu gostava muito de “mandar” nos alunos menores. E no Santa Cândida me vi totalmente perdida. Nessa mesma época minha mãe havia cortado meu cabelo por causa de piolhos e eu já era gordinha, usava óculos desde os seis anos e precisei colocar aparelho nos dentes, sem contar que parei de crescer e acabei virando a mais baixinha da turma. Os adolescentes quando querem são bastante cruéis, eu sofri muito *bullying* por causa dessas características.

Meu escape na escola era participar do coral musical do colégio com a professora de artes, Iris. Na escola num geral nunca fui a melhor aluna, era mediana. Tinha notas boas em matérias como artes, geografia, português (no geral das áreas de humanas) e sempre com nota vermelha em matemática. Da quinta para a sexta série eu fui aprovada por conselho de classe por causa de meio ponto em matemática. Eu tinha uma professora fantástica de matemática, o nome dela é Neusely, mas mesmo com as explicações e o jeito descontraído dela eu não conseguia entender matemática.

Segui durante todo ensino fundamental II no Coral do colégio, mas sempre sentia umas dores muito fortes no peito, fui a vários médicos e nunca descobríamos o que era, até que fui diagnosticada com crises de ansiedade e encaminhada para a psiquiatra, comecei a tomar remédios controlados para a ansiedade.

Quando passei para o ensino médio fui estudar no turno da noite, mas não consegui vaga pela manhã porque minhas notas não eram boas o suficiente. O ensino nessa época foi por blocos e então no primeiro semestre na escola nós apenas estudamos matérias na área de humanas, era relativamente tranquilo pra mim e eu me dava bem nas áreas de humanas. Quando o primeiro semestre acabou minhas notas eram boas o suficiente pra mudar de turno.

Como o ensino era por blocos e num semestre seria apenas exatas tive muita dificuldade, foi quando comecei a fazer aulas com um professor particular de matemática, química e física. O nome dele era Ricardo e me ensinava química, física e matemática envolvendo música, ele também foi meu professor do instrumento baixo na época que eu tinha uma banda de *rock*. Aquele semestre foi ótimo porque comecei a entender como funcionava o básico nas matérias de exatas. Eu fui aprovada do primeiro para o segundo ano do ensino médio com notas excelentes.

No segundo ano do ensino médio eu acabei deixando o colégio um pouco de lado, pois não era mais ensino por blocos porque a escola não se adequou ao método. Eu comecei a gostar mais de geografia, tive aulas com o professor Marcio que gostava muito de vulcões e sempre focava mais em geologia nas aulas. Eu adorava e só conseguia me afastar do celular durante a sua aula. Eu não sabia explicar porque, mas as aulas de geografia me prendiam de um jeito inexplicável.

No terceiro ano do ensino médio comecei a passar por algumas crises de identidade. Parecia na época que nada nunca era o suficiente pra mim e acabei reprovando no colégio, logo no último ano. Vendo hoje foi a melhor coisa que me aconteceu. Nesse ano tentei o vestibular pra geografia, mas não passei por muitos pontos e foi até bom porque eu não tinha maturidade o suficiente.

No ano de 2013, como eu havia reprovado, meu pai não queria que eu continuasse no colégio Santa Cândida, ele achava que não mudaria nada, porque eu estudaria com os mais novos, seria a “repetente” da turma, sem contar que dificilmente conseguiria vaga de manhã. Então ele me matriculou no colégio Dynâmico, que era cursinho pré-vestibular e terceirão juntos. Ter estudado no Dynâmico foi a melhor coisa que me aconteceu na vida até aquele momento.

Em 2013, no Dynâmico, eu comecei a me dedicar 100% aos estudos e principalmente focando no vestibular. Como nós tínhamos liberdade dentro do colégio entrava às 7 h 30 min pra aula de manhã, almoçava no colégio mesmo, assistia as aulas do turno da tarde e quando meus pais deixavam, quase sempre, principalmente as quartas-feiras que tinha aula de geopolítica, eu ficava até a noite. Chegava em casa sempre depois das 19 h e estudava sozinha no quarto. Eu preenchia quase todo o meu tempo estudando e lendo livros para o vestibular. O lado maravilhoso do Dynâmico era que não tinham apenas adolescentes e, como as aulas de terceirão, supletivo e cursinho eram juntas, havia alunos de 16 até 70 anos. O local tinha o tamanho similar a um miniauditório e tudo isso era maravilhoso.

Os professores do Dynâmico eram incríveis! Nunca imaginei que entender física, química e até matemática poderia ser tão fácil e simples. O professor que mais me marcou foi o Luiz “repolho”. Ele dava aula de geografia, e todas as quartas tinha aula de geopolítica com ele. Eu não tenho nem palavras pra descrever o quanto esse professor foi importante na minha vida, nós sempre conversávamos quando dava tempo, ele foi fantástico, apoiava-me em tudo que eu precisava, acredito que até hoje foi o melhor professor que eu tive, sem contar que as aulas dele eram maravilhosas, pois até quem não

gostava de geografia assistia as aulas dele. Outro professor que me marcou muito foi o Luiz Nogarolli, também de geografia, mas ele já era um senhor de idade, então trazia muita bagagem de conhecimento pra sala, eu recordo que ele falava baixinho, então todos faziam um extremo silêncio na aula dele pra poder ouvir cada detalhe do que ele dizia.

Os professores do Dinâmico são professores que eu tenho amizade até hoje, encontrei o Everton de física, conversamos sobre a docência e essa troca é maravilhosa!

No final do ano aconteceu a feira de ciências do colégio, mas nunca gostei muito de participar de feiras porque nunca tive criatividade nem interesse o suficiente, contudo pra quem era do terceirão era obrigatório. Não era permitido fazer sistema solar e nem vulcões, porque todos queriam fazer isso e as apresentações eram sempre iguais, mas como eu já era muito apaixonada por vulcões pedi à direção pra poder fazer e prometi que seria uma das melhores apresentações da feira. Chamei os dois professores de geografia pra me mediar, o professor repolho me presentou com vários livros sobre vulcanologia que os guardo com carinho até hoje. Éramos um grupo de quatro pessoas e montamos uma maquete enorme de vulcão, fizemos uma réplica de estátua de uma vítima de Pompéia, eu montei os *slides* de apresentação e fiz praticamente um livro, com ilustrações e informações sobre vulcões, com cerca de 90 páginas. A apresentação foi impecável e no fim conseguimos o primeiro lugar na feira, tenho ainda a medalha como recordação.

Quando chegou o vestibular minhas crises de ansiedade voltaram, eu ficava em pânico. Estava com muita dúvida entre geografia e geologia, mas escolhi geologia. No dia do vestibular eu estava muito nervosa, muito mesmo. Fui relativamente bem, mas no final não passei por três pontos.

Como estava com 18 anos então comecei a trabalhar, dediquei o ano pra tirar a carteira de motorista e estudar para o próximo vestibular.

Eu não queria desperdiçar um ano em vão então fui pesquisar mais sobre a UFPR Litoral e o curso que mais me chamou atenção foi Turismo. Mas no final do ano eu coloquei o curso de Licenciatura em Ciências no SISU, pois era o que mais lembrava geografia.

Nos primeiros meses de aula eu já tinha desistido de mudar de curso e me apaixonei pelo curso de Licenciatura em Ciências.

Logo no primeiro bimestre eu entrei no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e já estava envolvida em diversos projetos da Universidade. Eu só tenho a agradecer pelo curso por me ajudar a ter uma nova perspectiva de olhar a vida.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Quando ingressei na Universidade esperava que saísse transformada e que tudo que fora vivido fosse significativo o suficiente para seguir em frente. Nesse capítulo faço toda a revisão de literatura utilizada pra construção desse documento e também durante o curso de graduação como um todo,

Para que o ambiente escolar torne-se formativo ele precisa fazer sentido. Para Cunha (1997) isso se estabelece da seguinte maneira:

A dimensão humana é que pode transformar o espaço em lugar. O lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. Quando se diz “esse é o lugar de”, extrapolamos a condição de espaço e atribuímos um sentido cultural, subjetivo e muito próprio ao exercício de tal localização. Minha gaveta pessoal de pertences é um espaço; porém, quando coloco minhas coisas e reconheço a propriedade dessa organização, define um lugar. (p.184)

Para que exista uma transformação no ensino de ciências é preciso compreender todas as questões que envolvem o fazer docente, se atentar em todas as questões psicológicas e sociais que adolescentes que frequentam as escolas públicas vivem. Para Freire (1983) também é muito importante, colocar-se no lugar do outro e praticar a empatia:

Esta mudança de percepção, que se dá na problematização de uma realidade concreta, no entrelaçamento de suas contradições, implica um novo enfrentamento do homem com sua realidade. Implica admirá-la em sua totalidade: vê-la de “dentro” e, desse “interior”, separá-la em suas partes e voltar a admirá-la, ganhando assim, uma visão mais crítica e profunda da sua situação na realidade que não condiciona. (p.60)

A partir dos discursos apresentados pelos autores, evidencia-se que o Estágio Supervisionado é legitimado como espaço de construção de conhecimento, pois traz consigo sentidos, reconhecendo a escola como lugar de formação humana, social e cultural, onde se pratica empatia e temos solidariedade com o outro.

3.1. Bullying e Prevenção do Suicídio

Nesse contexto sobre a empatia, torna-se importante debater temas que envolvam aspectos psicossociais no contexto escolar, como *bullying*, prevenir o suicídio, além de trazer diversidade, falando sobre feminismo, igualdade de gênero, racismo, etc., pois são temas atuais e necessitam de uma atenção.

Segundo Fante (2005), *Bullying* é um comportamento cruel e intrínseco das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. A autor ainda considera que um dos ambientes mais preocupantes dessa prática é o escolar, visto que as crianças e os adolescentes ainda não possuem a personalidade totalmente formada, não possuindo amadurecimento suficiente para lidarem com as consequências do *bullying*.

Conforme a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência) *bullying* seria os comportamentos que:

(...) compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima. (ABRAPIA apud NUNES, HERMANN e AMORIM, 2009, p. 11932)

Para Costantini (2004 p. 69) o *bullying* “é um comportamento ligado à agressão verbal, física ou psicológica que pode ser efetuada tanto individual quanto grupalmente”. O *bullying* é um comportamento próprio das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. Segundo Sarmiento (2009):

A violência presente na sociedade, na família e no bairro também se manifesta e abala fortemente as instituições escolares. Mas, é na escola, sobretudo, por meio dos alunos e professores, que a violência vem sendo materializada de forma emblemática durante as atividades curriculares, na difícil relação entre alunos e/ou professores/gestores. Muitas manifestações de violência que ocorrem no interior das escolas são reflexos da própria violência instalada no meio social – bairros periféricos e violentos, desprovidos de políticas sociais – onde a exclusão social, cultural e política se manifesta de modo mais acentuada. A escola, portanto, inserida neste contexto, não estaria imune a atos de vandalismo, arrombamentos, ameaças, depredações, invasões, roubos, agressões físicas e verbais, incivilidades, hostilidades, indisciplina, transgressões, entre tantos outros adjetivos que caracterizam a violência. (p. 37)

Segundo dados do CEMEOBES (Centro Multidisciplinar De Estudos E Orientação Sobre O *Bullying* Escolar), o *bullying* atinge cerca de 45% dos estudantes do ensino fundamental no Brasil (FETEMS, 2009).

Já o suicídio, além de ser uma tragédia que pode ser evitada, representa um sério problema de saúde pública. No mundo todo, a mortalidade por suicídio aumentou 60%

nos últimos 45 anos. Na grande maioria dos países em que foram levantados dados, o suicídio está entre as dez maiores causas de morte da população. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, 900.000 pessoas cometeram suicídio no ano de 2000 e hoje é a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos. (OMS, 2000). Pelo bom-senso, torna-se evidente a importância e relevância da discussão desse tema na escola.

O Brasil foi o primeiro país da América Latina a elaborar e apresentar Diretrizes Nacionais de Prevenção do Suicídio e está possibilitando o esclarecimento da preocupação e comunicação sobre um tema, que geralmente se torna um tabu. Precisamos da sensibilização da sociedade de que o suicídio é um problema de saúde pública que pode e deve ser prevenido.

Uma estratégia fundamental da prevenção do suicídio é consolidar uma relação de confiança com o adolescente em risco, que permita a verbalização e exteriorização do sofrimento psicológico desse estudante, para que a escola não se torne um gatilho emocional para comportamentos depressivos ou violentos.

A violência escolar não é apenas violência física, mas também violência simbólica, através de xingamentos, humilhações, a exclusão do colega, ameaças, entre vários outros. Pode evoluir para agressão física e morte, como casos por exemplo de Realengo e Columbine.

O documentário “Tiros em Columbine”, conta a história do Massacre de Columbine. Foi uma tragédia escolar que ocorreu em 20 de abril de 1999, na Columbine High School em Columbine (Estados Unidos). Os alunos Eric Harris e Dylan Klebold iniciaram um tiroteio contra colegas e professores. O ataque envolveu o uso de bombas caseiras, para afastar os bombeiros, tanques de propano convertidos em bombas colocados na lanchonete, 99 dispositivos explosivos, e carros-bomba. Os dois mataram 12 alunos e um professor. Também feriram outras 24 pessoas. Depois de trocarem tiros com policiais que estavam na frente da escola, cometeram suicídio.

O Massacre de Realengo refere-se à chacina que ocorreu em 7 de abril de 2011, na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro. Wellington Menezes de Oliveira invadiu a escola armado com dois revólveres e iniciou um tiroteio, matando doze estudantes, com idade entre 13 e 16 anos, além de treze feridos. No final, foi encontrado por policiais, cometendo suicídio.

A motivação dos crimes ainda é incerta, pois tragicamente terminaram com o suicídio dos causadores e várias mortes inocentes, porém existem muitas semelhanças em

ambos os casos, os atiradores sofriam *bullying* e relatavam isso em vídeos, que hoje estão em domínio público na internet. Os massacres causaram comoção no mundo todo, tornando-se exemplos de que devemos combater o *bullying* e prevenir o suicídio, para que casos como esses não voltem a se repetir.

Percebi ao longo do Estágio que uma grande quantidade de alunos praticavam o que hoje é chamado de “*cutting*”, é o ato de se cortar, automutilação ou autolesão. Oliveira *et. al.* (2001) o descrevem:

(...) Por outro lado, o jovem que se corta a si mesmo, pode estar num estado de transe e procura, intencionalmente, a dor e o sangue. Neste último caso, o(a) adolescente que se corta e sangra, espera afastar os medos, aliviar a tensão e sentir-se algo reconfortado ou gratificado; procura a dor pelo seu efeito suavizante no estado psicológico doloroso ou conturbado que vivencia; até que, os medos voltam, sente vergonha e receia não ser bem aceito socialmente, pelo que tenta esconder as feridas. (...) Tanto os comportamentos de automutilação como os comportamentos de risco (em geral), partem da livre vontade do próprio e não visam a morte. Porém: nos atos de automutilação existe uma intenção do indivíduo se magoar a si mesmo e este gesto não costuma colocar mais ninguém em perigo – visam cessar ou substituir uma dor psicológica sentida como ilimitada ou intolerável por outra física, localizada e palpável. (p. 511)

Segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), a autolesão insere-se na categoria de transtornos dos hábitos e dos impulsos. É uma síndrome psiquiátrica reconhecida, segundo a qual “(...) a pessoa repetidamente não consegue resistir a impulsos que a levam a adotar este comportamento. Há um período podrômico de tensão seguido de uma sensação de alívio quando da realização do ato”. Dependendo do caso, pode ser tratado como doença psiquiátrica ou de cunho emocional. É vista como uma válvula de escape entre pessoas que praticam, já que é comparado ao uso de drogas, álcool e cigarros, segundo CID-10.

Nos EUA, 17% dos jovens entre 18 e 24 anos tem o hábito de se mutilar. No Brasil não existem estatísticas ainda, mas torna-se claro o crescimento entre os adolescentes, pela quantidade de *blogs* e comunidades virtuais destinadas a pessoas que se auto mutilam, por outro lado, existem diversos grupos, redes e canais destinados a pessoas que buscam por ajuda.

Durante o projeto, muitos estudantes apresentavam quadros e sintomas depressivos. A descrição das depressões ligadas em elementos psicossociais demonstra a necessidade de estudos que focalizem não apenas uma perspectiva intraindividual, e sim um objetivo social, uma vez que estabelece conflitos sociais que comprometem a saúde mental do indivíduo e, conseqüentemente, danifica todas as redes de comunicação e

convívio, interferindo assim no equilíbrio do meio social e familiar de uma forma muito mais abrangente (RIBEIRO, 2007):

(...) as crianças entendem que a depressão se configura pela ausência de relação social e se veem como seres isolados e que demonstram uma imensa dificuldade em estabelecer um nível mais profundo de contato social, o que provoca nas mesmas medo de serem rejeitadas, desencadeando um ciclo repetitivo de temor e isolamento. (p. 427)

Barreto (1993), preconiza que a depressão pode estar associada a um comprometimento da personalidade, baixa autoestima e autoconfiança; e no âmbito social, a depressão representa uma inadaptação ou um apelo ao socorro, bem como uma possível consequência da violação de mecanismos culturais, familiares e escolares. Em crianças de faixa etária entre 6 e 12 anos os sintomas da depressão podem se apresentar como a inabilidade em se divertir, pobre relacionamento com seus pares e baixa autoestima, se descrevendo como estúpidas, bobas ou impopulares.

Então percebi a importância de se trabalhar a autoestima junto aos estudantes. Percebo que o adolescente que tem uma autoestima positiva, se sente bem em enfrentar desafios proporcionados durante o processo ensino-aprendizagem na escola e também na sua vida de forma geral. Além disso, o importante é trazer uma visão mais otimista da vida, com razões para continuar seguindo em frente e resistindo a um sentimento depressivo. Essas ideias ajudam para que eles se distanciem do pensamento suicida. Para Tiba (1999, p.41) a autoestima “É o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma. Aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento” e para Branden (2000, p.22) “autoestima é a confiança na capacidade de pensar, confiança na habilidade de dar conta dos desafios básicos da vida e no direito de vencer e ser feliz”.

3.2. Emoções em Vigotski

Para Vier, Gonçalves e Shima (2011), a experiência da imaginação concebida por Vigotski é um pensamento que ao mesmo tempo se afasta da realidade imediata e se orienta para ela, uma vez que se acopla com aspectos emocionais. Neste sentido, a emoção desempenha o papel de mediadora, que conecta realidade imediata e imaginação, e não é

só a imaginação que é rica em momentos emocionais, mas também o é o pensamento realista:

Se tomarmos o pensamento realista de um revolucionário, que reflete sobre uma complicada situação política ou a estuda, que penetra nela, em suma, se tomarmos o pensamento orientado para a resolução de uma tarefa de importância vital para o indivíduo, veremos que as emoções relacionadas com tal pensamento realista são, com muita frequência, incomensuravelmente mais profundas, mais fortes, mais móveis e mais significativas no sistema do pensamento do que as emoções relacionadas com as visões. O importante aqui é outro procedimento de união dos processos emocionais com o pensamento. (Vigotski, 1998, p. 126).

Vigotski (2007) ainda diz que a mente humana cria estruturas cognitivas necessárias à compreensão de um determinado conceito trabalhado no processo ensino-aprendizagem. As estruturas cognitivas dependem desse processo para evoluírem e somente serão construídas à medida que novos conceitos forem trabalhados. Esse processo propicia a internalização dos conceitos e sua reconstrução na mente do estudante.

Segundo as Diretrizes Curriculares (2008) os conceitos científicos que Vigotski descreve em suas obras referem-se ao conhecimento sistematizado e ensinado na escola, como forma de representação, por meio de modelos, do conhecimento produzido pela ciência. O processo de construção desse conhecimento escolar se constitui na dialética entre os diferentes saberes sociais e seus respectivos significados. Tal embate, ora contribui para a construção do conhecimento científico pelos estudantes, ora se configura como obstáculo conceitual à sua (re)elaboração.

3.3. Rodas De Conversa

Decidi usar como metodologia as rodas de conversa, que possibilita a reflexão conjunta sobre as temáticas principais do projeto como um todo. Ryckebusch (2011) afirma que a atividade se baseia numa abordagem crítico-colaborativa na produção de conhecimento. Constitui-se então, como uma atividade sócio-histórico-cultural voltada à constituição de um agir colaborativo-crítico que permite aos sujeitos assumirem-se como sujeitos dialógicos. Bezerra (2009) a descreve:

A Roda de Conversa é afirmada como espaço de diálogo, no qual os sujeitos, educadores e educandos, não impõem suas palavras, mas juntos pensam e dizem sobre a realidade e sobre si mesmos através da leitura de mundo. Nesta relação

dialética é que acontece a práxis educativa. Isto é, a palavra constitui-se como palavra e ação. (p.10)

Segundo Freire (1986), o diálogo não se reduz à troca de ideias nem ao depósito de informações, mas afirma-se como encontro de sujeitos que pronunciam o mundo, que falam e escutam, num processo de ação e recriação.

De acordo com Freinet (1991), a livre expressão traz como fundamento o respeito e a valorização da maneira como cada criança pronuncia o mundo, seja por meio da fala ou de outras linguagens que compõem suas relações sociais e culturais (desenho, pintura, escrita, música). Essa metodologia destaca o diálogo, considerando a voz dos alunos, suas necessidades como “disparadores” das ações educativas.

Do ponto de vista do educador, por meio da troca de experiências, do diálogo, da escuta atenta, da participação ativa dos educandos, o trabalho pedagógico possibilita as condições necessárias para que os alunos se percebam sujeitos ativos de suas aprendizagens. Nesta perspectiva, “o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é cortado pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado” (Freire, 1996, p.117)

Hoje, essa metodologia é utilizada para buscar soluções de problemas no grupo, promover brincadeiras e distrações, discutir ou apresentar uma tarefa que será realizada, acolher os adolescentes, criar laços afetivos, criar regras e combinados, relatar experiências vividas, contar histórias, discutir diversos temas e muito mais.

Cunha (1997) defende a ideia que as narrativas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si própria e os outros, mas é também uma importante estratégia formadora de consciência numa perspectiva emancipatória. Trata-se finalmente de uma significativa prática investigatória. A autora ainda reforça que:

Quando uma pessoa relata fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados, assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (p. 02).

Por constituir-se como um espaço discursivo diverso, tornou-se consenso entre as educadoras concebê-la como o local privilegiado para o desenvolvimento da linguagem oral. Assim, a “Roda de Conversa” tem sido, no conjunto das práticas pedagógicas, o espaço privilegiado do ensino da oralidade (Costa, 2009).

3.4. Conteúdos Estruturantes/Diretrizes Curriculares

As Diretrizes Curriculares são orientações para a Educação Básica dos sistemas de ensino para a organização, articulação e desenvolvimento das propostas pedagógicas nacionais. Foram construídas com base na história e filosofia da ciência, na história da disciplina e estabelecem novos rumos para o ensino de Ciências na Rede Pública do Estado do Paraná. Considerando que o quadro conceitual da disciplina de Ciências é composto por referências da Biologia, Física, Química, Geologia e Astronomia, na disciplina de Ciências. É interessante observar a escolha nas Diretrizes Curriculares (2008) para o ensino não apenas de Física, mas a especificação de ensino de Astronomia, e justifica que tem um papel importante no Ensino Fundamental II, “numa abordagem histórica traz as discussões sobre os modelos geocêntrico e heliocêntrico, bem como sobre os métodos e instrumentos científicos, conceitos e modelos explicativos que envolveram tais discussões. Além disso, os fenômenos celestes são de grande interesse dos estudantes porque por meio deles buscam-se explicações alternativas para acontecimentos regulares da realidade, como o movimento aparente do Sol, as fases da Lua, as estações do ano, as viagens espaciais, entre outros.” (p.67)

Os Conteúdos Estruturantes são construídos a partir da história dos conceitos científicos e visam superar a fragmentação do currículo, além de estruturar a disciplina frente ao processo acelerado de especialização do seu objeto de estudo e ensino (LOPES, 1999).

Nas Diretrizes Curriculares são apresentados cinco conteúdos estruturantes fundamentados na história da ciência, são eles:

- Astronomia
- Matéria
- Sistemas Biológicos
- Energia
- Biodiversidade Ciências

3.5. Uso de Recursos Multimídia

Em todos os processos durante o Estágio Supervisionado, utilizei de recursos multimídia na sala de aula. Acredito ser necessário destacar que as novas tecnologias,

através de inúmeros recursos midiáticos, tornam possível a minimização de problemas de compreensão, já que os novos aparelhos eletrônicos, como celulares por exemplo, acabam atraindo muito mais a atenção dos estudantes, então surge o desinteresse por parte dos alunos na sala de aula com o conteúdo estruturante e torna-se visível que usando recursos tecnológicos o aprendizado seja atraente e possa existir uma sintonia entre o abstrato e o real.

Paulo Freire em um diálogo com Papert (FREIRE & PAPERT, 1996), cujo tema foi o futuro da escola e o impacto dos novos meios de comunicação no modelo de escola atual, Paulo Freire faz algumas constatações e dentre delas, destaca-se:

A minha questão não é acabar com escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é soterrá-la, mas refazê-la (FREIRE & PAPERT, 1996).

Esse diálogo entre Freire e Papert mostra que a tecnologia moderna serve de mediadora na construção do novo ensinar e do novo aprender.

3.6. Pesquisa-Ação

No início do curso, eu associava a pesquisa-ação a uma pesquisa somente com questionários destinados aos alunos, quantitativa, não qualitativa. Hoje percebo que ser um professor pesquisador é muito mais do que isso, é ir atrás de resultados.

A pesquisa em sala de aula pode se tornar uma grande aliada ao processo de ensino e de aprendizagem no ensino fundamental. Esta deve ser uma postura do professor, pois segundo Freire (2001, p.52) “Não existe pesquisa sem ensino, nem ensino sem pesquisa”.

Entre as diversas definições possíveis para o termo pesquisa-ação, destaco a definição de Thiollent (2011, p.14) “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com a ação ou a resolução de um problema”. Neste contexto entendo que pesquisadores e participantes estão envolvidos e buscam formas de ação coletivas de modo cooperativo ou participativo.

No campo educacional, a pesquisa-ação pode ser considerada uma estratégia que envolve professores e pesquisadores com o objetivo de criar novas possibilidades para o ensino e, conseqüentemente, para o aprendizado do aluno (FAGUNDES, 2016). Do ponto

de vista científico, a pesquisa-ação é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídio para organizar a pesquisa, experimentação e introduz uma maior flexibilidade na concepção e aplicação dos meios de investigação concreta (THIOLLENT, 2011):

Ação-pesquisa-ação e pesquisa-ação são nomenclaturas que se referem ao mesmo conceito, cujo significado pode ser assim enunciado: a busca de formas de ações coletivas que objetivam a resolução de algum problema ou a transformação de uma dada realidade. (p. 13)

3.7. Educação Ambiental

No Estágio Supervisionado IV o eixo central foi Educação Ambiental com resíduos sólidos como tema principal. Durante o processo eu e meus colegas criamos uma Horta Vertical Sustentável na escola. A Educação Ambiental busca em sua ação humanizadora, porque educativa, a construção de uma prática social e uma ética ambiental que redefinem as relações dos homens com o ambiente e as relações que estabelecem entre si. Portanto, sua “prática social de conhecimento” (SANTOS, 1989), a pesquisa, também é construída pela articulação entre conhecimento e ação. Diaz ainda reforça que:

A finalidade da educação ambiental é, de fato, levar à descoberta de uma certa ética, fortalecida por um sistema de valores, atitudes, comportamentos, destacando, entre os primeiros, questões como a tolerância, a solidariedade ou a responsabilidade. A educação ambiental também deveria permitir o progresso na busca dos valores mais adequados a um verdadeiro desenvolvimento (desenvolvimento sustentável). (p. 37, 2002)

A implantação de matérias no currículo escolar sobre educação ambiental acaba ensinando os estudantes o ciclo do resíduo sólido, a conscientização da reciclagem, o incentivo às novas técnicas de sustentabilidade, e também a preservação da natureza por meio de atitudes básicas do dia a dia.

Segundo DEMAJOROVIC (1995), o termo lixo foi substituído por “resíduos sólidos”, e esses, que antes eram entendidos como meros subprodutos do sistema produtivo, passaram a ser encarados como responsáveis por graves problemas de degradação ambiental. Ainda, “resíduos sólidos” diferenciam-se do termo “lixo” porque, enquanto este último não possui qualquer tipo de valor, já que é aquilo que deve apenas ser descartado, aqueles possuem valor econômico agregado, por possibilitarem (e estimularem) reaproveitamento no próprio processo produtivo. O autor ainda explica a importância da gestão dos resíduos sólidos:

Os resíduos sólidos apresentam outra característica muito importante. Diferentemente dos resíduos líquidos e gasosos, parcela significativa do volume total daqueles sólidos encontra-se nas próprias residências dos centros urbanos, o que permite, teoricamente, imediata contribuição por parte dos habitantes no sentido da minimização de seus efeitos negativos sobre o meio ambiente: a contribuição, por exemplo, de separar os resíduos em suas residências, para recuperação e reciclagem. Assim, numa época de aumento da consciência ambiental, é possível entender, nos países desenvolvidos, o apoio crescente das comunidades aos programas de gestão dos resíduos que estimulem sua recuperação em vez de mera disposição. (DEMAJOROVIC, 1995, p. 02)

4 RECONHECIMENTO DO COLÉGIO

Escolhi o Colégio Estadual Gabriel de Lara como local de realização do Estágio supervisionado por diversos motivos, entre eles: foi onde meu pai estudou quando adolescente, a localização privilegiada, o colégio é situado no centro da cidade de Matinhos, é a escola mais próxima a minha casa. E também por estimular o acesso a níveis mais elevados de ensino, cultura, pesquisa e criação artística contando com vários projetos pedagógicos diferentes, como a Feira de Conhecimento (FECON), Mostra de Cultura Afro e Indígena (MOCAL) e a Mostra de Arte (MOA).

O Colégio Estadual Gabriel de Lara, que possui os ensinos fundamental e médio, localizado à Rua Albano Muller, 430, no centro da cidade de Matinhos, foi fundado em 1920, com o nome Escola Isolada de Matinhos e funcionaria numa casa de propriedade do Senhor Jacinto Mesquita, seu fundador. A partir daí ela passou por diversas mudanças estruturais físicas e educacionais. Para dar suporte aos discentes quanto às dificuldades de transporte daquela época, fundou-se ainda uma subsede no bairro de Caiobá, no ano de 1964. O Colégio atualmente tem seus objetivos e finalidades seccionados pelo regimento interno que é vinculado à Constituição Federal, à LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e ao ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente):

Art. 3º. O Colégio Estadual Gabriel de Lara, tem a finalidade de efetivar o processo de apropriação do conhecimento, respeitando os dispositivos constitucionais, Federal e Estadual, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394/96, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069/90 e a Legislação do Sistema Estadual de Ensino. (Regimento Escolar, cap. II, p. 09, 2009)

Assim, ainda com base nesse regimento, a escola busca o princípio de igualdade, gratuidade com qualidade e a proibição de qualquer tipo de discriminação e segregação

em decorrência de diferenças físicas, étnicas, de gênero e orientação sexual, de credo, ideologia, condição sociocultural, entre outras além de viabilizar a igualdade de condições para a permanência do aluno na escola, respeitando a diversidade, a pluralidade cultural e as peculiaridades de cada aluno, no processo ensino-aprendizagem.

A estrutura física do Colégio está dividida em dois blocos e conta com 15 salas de aula, onde três estão localizadas no primeiro piso com acesso para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida, que atendem turmas dos períodos manhã, tarde e noite. Possui uma biblioteca com um acervo de aproximadamente 7.000 livros, um laboratório de informática com computadores acessíveis à internet, um laboratório de ciências equipado com alguns utensílios básicos para a prática das aulas de química, física e biologia, uma sala de professores, uma sala utilizada pela coordenação pedagógica, uma sala da direção auxiliar, uma sala utilizada pela secretaria escolar, um banheiro para professores, pedagogos e agentes educacionais, uma sala para a direção geral, uma sala para atender os alunos que frequentam aulas de recurso, uma cozinha ampla com espaços para o armazenamento da merenda escolar, dois banheiros para atendimentos dos alunos, um banheiro adaptado, uma área coberta utilizada como refeitório, uma sala pequena destinada a cantina escolar, um espaço coberto para atividades e servir merenda, uma quadra esportiva sem cobertura.

O horário de funcionamento da instituição é:

Manhã: início às 7 h 30 min e término às 11 h 55 min.

Tarde: início às 13 h e término às 17 h 25 min.

Noite: início às 18 h 50 min e término às 23 h.

5 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS I E II

5.1. Estágio Supervisionado I

O primeiro Estágio Obrigatório Supervisionado foi de observação e teve como objetivo principal conhecer e compreender todo o espaço escolar, obtendo dados e informações sobre a escola, o PPP (Projeto Político Pedagógico), o trabalho pedagógico e administrativo, a organização do trabalho pedagógico, a manutenção da escola, espaço físico e seus turnos.

Voltar a escola agora, não como estudante e sim como licencianda, me revela um medo e insegurança diante de uma sala de aula com tantas histórias, realidades diferentes

e diversidades. Ainda mais procurando opções de ensino e aprendizagem que fugissem do método tradicional. Chassot (1990) observa que o ensino ainda se mantém de modo tradicional em nossas escolas, o que gera insatisfação por parte dos alunos e, em consequência, também dos professores e da sociedade, pois acabam sentindo os resultados dessa insatisfação.

A professora Anisther sempre muito solicita, auxiliava em tudo que fosse preciso, explicava como funciona os livros de chamadas, os livros didáticos, explicou o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola e o seu PTD (Plano de Trabalho Docente), mas a maior parte do tempo eu ficava sentada no fundo da sala apenas observando a turma de uma perspectiva de estagiária, também auxiliando a professora Anisther com as atividades e me envolvendo com o reconhecimento local do colégio.

5.2. Estágio supervisionado II

O período do estágio supervisionado II iniciou-se de forma turbulenta pela ausência da professora Anisther, que saiu de licença na época. A Professora Tânia ficou responsável pelas turmas de sétimo ano que eu acompanhei. Durante o período do estágio supervisionado II eu tive inúmeras dificuldades por não conseguir executar a pesquisa como objetivo principal, pois não estava habituada com as metodologias da professora Tânia, então esse período usei como observação e reconhecimento dos estudantes pois no próximo ano eu continuaria estagiando com a maioria desses alunos, no oitavo ano.

Durante o tempo de monitoria no estágio supervisionado II, foram desenvolvidas junto ao sétimo ano atividades dos conteúdos estruturantes: Biodiversidade, Matéria e Energia, através de aulas dinâmicas e expositivas com apresentações em *slides* e vídeos com a turma divididas em grupos de cinco alunos. Além disso foram realizados debates e diversas discussões entre os grupos das turmas. No trabalho em grupo, o estudante tem a oportunidade de trocar experiências, apresentar suas proposições aos outros estudantes, confrontar ideias, desenvolver espírito de equipe e atitude colaborativa. Esta atividade permite aproximar o estudo de Ciências dos problemas reais, de modo a contribuir para a construção significativa de conhecimento pelo estudante (Diretrizes Curriculares Da Educação de Ciências, 2008)

Os conteúdos do bimestre foram: Taxonomia, Origem da vida na Terra, Biodiversidade, Evolução e Adaptações dos seres vivos. Citologia, a Célula como

unidade fundamental dos seres vivos. E os conteúdos específicos: Classificação dos seres vivos segundo Lineu, Classificando os seres vivos: autótrofos e heterótrofos, Conceito de espécie e Categorias taxonômicas, Domínios e Reinos. Origem da Vida, A Terra antes do surgimento da vida, Gases da atmosfera primitiva, Teorias sobre o surgimento da vida, Biogênese e Geração Espontânea, Eras Geológicas, Biodiversidade: conceito, Extinção das espécies, Evolução: conceito, Teorias de Lamarck e Darwin, Adaptação dos seres vivos: adaptações ligadas à temperatura, à disponibilidade de água, à alimentação e propagação da espécie, Cadeias e teias alimentares, Organização celular, Tipos celulares: procariótica e eucariótica, Teoria celular, Estrutura celular: célula vegetal e animal.

Junto aos sétimos anos, montamos grupos com cerca de cinco alunos para trabalhar em cada equipe, os alunos teriam três aulas para finalizar todas as apresentações. O projeto deveria conter o diário de bordo, música, vídeos, apresentação em *slides* e experiências. Estávamos trabalhando com conceitos fundamentais sobre a Abiogênese e Biogênese, explanação sobre o experimento do pescoço de cisne de Pasteur e processo de pasteurização. Fiquei responsável por fazer uma Aula expositiva sobre a “origem da vida”. Criei uma apresentação com imagens sobre a constituição da atmosfera primitiva, gases existentes, vulcões, a formação das primeiras substâncias orgânicas (coacervados), e a comprovação científica através do experimento de Muller, a formação do primeiro ser unicelular, os tipos celulares, procariótica e eucariótica, a hipótese heterotrófica sobre a origem da vida, e os processos químicos necessários para a formação dos seres fotossintetizantes e aeróbios. Depois foi designado aos alunos completarem uma atividade em dupla ou trio para consolidação dos conhecimentos sobre “Origem da vida”, que continham perguntas e respostas com ilustrações, questões discursivas e cruzadinha.

Acompanhei de perto diversos alunos do sétimo ano, ajudando e orientando nas apresentações, encontrando-os no contra turno para mediar e enviando material em livros e vídeos, e o resultado das apresentações dos alunos que se abriram as mediações foi muito boa, a grande maioria soube explicar facilmente sobre o seu respectivo trabalho e no final as apresentações foram muito bem sucedidas.

6 ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

Com a volta da professora Anisther, iniciei o estágio supervisionado III no período da tarde, logo ela me deixou a par dos conteúdos estruturantes. Nesse bimestre,

eu acompanharia duas turmas de oitavos anos então poderia iniciar o projeto que fazia parte da pesquisa-ação e projeto de aprendizagem.

O conteúdo estruturante era Biodiversidade, Matéria, Energia e Sistemas Biológicos. O conteúdo básico: Níveis de Organização dos seres vivos, citologia, histologia animal, sistema biológicos: sistemas nervoso, sensorial e endócrino. O Conteúdo Específico: níveis de organização do corpo humano, citologia: célula, estrutura celular, divisão celular (mitose e meiose), histologia: tecidos animais; tipos de tecidos, crescimento anormal dos tecidos: neoplasia maligna (câncer): características do tecido. Metástase, estágios de desenvolvimento; fatores internos e externos que predispõe ao câncer, tratamentos convencionais, prevenção: cuidados essenciais com relação à radiação, alimentação, infecções causadas por alguns vírus e bactérias, comportamentos de riscos e protetivos. Aspectos morfofisiológicos do sistema nervoso; estrutura do sistema nervoso central e periférico; sistema simpático e parassimpático, ações involuntárias: arco reflexo e ato reflexo. Ação de algumas drogas lícitas e ilícitas sobre o sistema nervoso, aspectos morfofisiológicos dos órgãos dos cinco sentidos: visão, audição, paladar, tato e olfato; aspectos morfofisiológicos do sistema endócrino. Glândulas endócrinas e suas funções, algumas doenças: hipotireoidismo, hipertireoidismo e diabetes.

A maioria das aulas eram realizadas no laboratório de ciências da escola, segundo as Diretrizes Curriculares para o ensino de Ciências, é proposto uma prática pedagógica que leve à integração dos conceitos científicos e valorize o pluralismo metodológico. Para isso é necessário superar práticas pedagógicas centradas num único método e baseadas em aulas de laboratório (KRASILCHIK, 1987) que visam tão somente à comprovação de teorias e leis apresentadas previamente aos estudantes.

Foram realizadas diversas atividades com as turmas do oitavo ano, dentre elas, fiquei responsável pela atividade do tema de cinco sentidos. Prontifiquei-me em organizar uma atividade experimental, pois alguns aspectos são considerados essenciais segundo as Diretrizes Curriculares Da Educação de Ciências (2008), tanto para a formação do professor quanto para a atividade pedagógica. Dentre eles: a história da ciência, a divulgação científica e a atividade experimental. O documento ainda confere:

Entende-se por atividade experimental toda atividade prática cujo objetivo inicial é a observação seguida da demonstração ou da manipulação, utilizando-se de recursos como vidrarias, reagentes, instrumentos e equipamentos ou de materiais alternativos, a depender do tipo de atividade e do espaço pedagógico planejado para sua realização. (p. 71)

Coloquei um cacto fofo dentro de uma caixa de papelão com abertura apenas para as mãos e sem possibilidade de enxergá-la por dentro, para ser um demonstrativo do sentido de tato, um lenço para cobrir os olhos, um fone de ouvido e baixei sons de natureza no meu celular, que tinha sons de animais, água corrente, batidas de músicas, e então alho para sentir o cheiro e confete de chocolate para sentirem o sabor. Mas os alunos não sabiam, então teriam que escrever tentando adivinhar em uma folha, o que tinha dentro da caixa, baseado apenas no tato; qual som escutaram nos fones; de que era o cheiro que sentiram; o que eles comeram enquanto estavam com os olhos vendados, assim devem aflorar seus outros sentidos, para redescobrir a sua volta.

Os sentidos são fundamentais na interpretação e na relação do indivíduo com o meio em que vive. Assim o conhecer e o construir a realidade passam pelos sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar, tato e audição, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (OLIVEIRA; VARGAS, 2009). Foi uma aula bastante divertida, alguns alunos sentiram gosto de alho enquanto comiam o chocolate, então pude explicar o quanto os sentidos se confundem e se aguçam quando estimulados.

Muitas vezes no Estágio, nós graduandos, só fazemos atividades de recortar, corrigir provas, observações de aula, sentados no fundo da sala, muitas vezes tirando a atenção dos próprios alunos da escola, eu sinto muito isso por ter o cabelo colorido, acabo chamando a atenção dos adolescentes na escola. Enfim, percebo que o Estágio enriquece quando levo até a escola atividades diferenciadas, os alunos se interessam mais pelas aulas e perguntam quando teremos outras atividades assim.

6.1. Contra o *Bullying* e Prevenção do Suicídio no Contexto Escolar

Com a volta da Professora Anisther a sala de aula, pude organizar o início da minha pesquisa-ação durante o estágio supervisionado III. Desenvolvi em conjunto com o projeto de aprendizagem o tema “Contra o *Bullying* e Prevenção do Suicídio no Contexto Escolar”. Escolhi esse tema por ser muito significativo durante as minhas vivências, também por ser muito preocupante e alarmante o crescimento de casos durante os últimos anos.

6.2. Relatos das Vivências

Os objetivos principais do projeto eram promover a comunicação e interação de adolescentes de diversas salas, com a conscientização dos estudantes, estruturar um ambiente seguro dentro da escola onde podem ser debatidos inúmeros temas além de *bullying* e prevenção do suicídio, como gênero, sexualidade, machismo, racismo e discriminação social etc.

Apesar da aprovação ao projeto na escola, não percebi convicção por parte das pedagogas sobre o tema, então levantei dados da Organização Mundial da Saúde, que mostravam as taxas de suicídio elevadas em jovens de 15 a 29 anos (além de ser a terceira maior causa de mortes no Brasil). Segundo o Manual de Prevenção do Suicídio para Professores e Educadores (OMS, 2000) alguns funcionários de escolas têm aprendido a lidar com o sofrimento e com os estudantes suicidas através da sensibilidade e do respeito, enquanto outros não. As habilidades deste último grupo devem ser aprimoradas. O equilíbrio a ser alcançado no contato com o estudante suicida está em algum ponto entre a distância e a proximidade, e entre empatia e respeito. Após a concordância das pedagogas, passei nas turmas de oitavo e nono ano perguntando quem tinha interesse em participar, vários alunos mostraram interesse, então foi entregue um termo de autorização de uso de imagem e voz e autorização para entrar na escola em contra turno para os pais assinarem. No mesmo dia foi criado um grupo no aplicativo de conversas WhatsApp para melhor interação e comunicação entre os estudantes, eles conversavam diariamente. Combinamos de nos encontrar todas as quartas-feiras no período da manhã (no contraturno) na escola no laboratório de química, por ser um local mais calmo e pelo espaço físico.

Iniciei o projeto na escola, os alunos presentes sentaram como uma roda de conversa, contando nome, idade, série, *hobbies*, falando um pouco sobre si, eles relataram alguns episódios de *bullying* sofridos na escola, porém ainda estavam acanhados em falar. Na outra quarta-feira, pela manhã foi o segundo encontro com os alunos para o projeto, foram feitos vários relatos sobre situações de *bullying* que aconteceram na escola e alguns alunos relataram situações de tentativas de suicídio que passaram, apesar de ser um tema extremamente pesado, eles perceberam que não estavam sozinhos e que ali era um local seguro para relatar qualquer situação. Observei entre o grupo que essa metodologia propicia um fluxo de conversas, bem como a transformação da metodologia em ações

humanas, como Nicolodi e Silva (2016) descreve em “Formação de professores e formação humana: não é só necessária, mas possível”:

A escuta do outro sobre sua vida já vivida, sobre a vida que ainda anseia viver, foi fundamental para que as relações se estreitassem, para que o olhar também nos aproximasse e construíssemos os laços afetivos, a amizade sincera, a confiança de quem está junto. (p.122).

No nosso próximo encontro teria sido idealizado a criação de post-its com frases motivacionais e de empoderamento e autoestima para serem colados pela escola, os alunos ficaram muito contentes com o resultado, pois os estudantes da escola de fora do projeto também perceberam a diferença. A autoestima pode ajudar na autoconfiança dos adolescentes, então essa parte do processo auxiliou muito para que percebessem que não precisavam seguir um padrão para serem aceitos, bastava eles se aceitarem.

Durante os encontros, nós nos reuníamos em rodas de conversa, e alguns temas como feminismo, sexualidade, gênero etc., foram surgindo dos próprios alunos. O feminismo é uma desconstrução da estrutura patriarcal, do machismo estrutural, aquele que muita gente demora muito para perceber, mas que está ali, colocando as mulheres em situações de violência no dia a dia, tanto violências físicas, quanto violências simbólicas (Tiburi, 2014), ser feminista é não concordar com essa ordem das coisas e agir para mudá-la. Acredito ser de extrema importância debatermos esses temas em sala de aula. Os estudantes já tinham conhecimento prévio sobre sistemas reprodutores e puberdade, pois já haviam estudado isso com a professora Anisther, então levei alguns materiais para ajudar a explicar mais sobre feminismo, questões de desigualdades entre gêneros e muito mais, foi uma experiência muito gratificante fazer o papel do “bom professor”, como nos diz Freire (1996):

O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de ninar". Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (p.33)

Como o espaço do projeto era pra ser um local seguro para os alunos que participavam, resolvi fazer uma votação para escolha de um filme para eles assistirem. Segundo Rosa (2000) um filme ou um programa multimídia têm um forte apelo emocional e, por isso, motivam a aprendizagem dos conteúdos apresentados pelo

professor. Além disso, a quebra de ritmo provocada pela apresentação de um audiovisual é saudável, pois altera a rotina da sala de aula.

Na votação, o filme escolhido foi a animação “Divertidamente”, dirigido por Pete Docter e venceu o Oscar de melhor animação em 2016. Conta a história de Riley, uma garota de 11 anos de idade, que deve enfrentar mudanças importantes em sua vida quando seus pais decidem deixar a sua cidade natal. Dentro do cérebro dela, convivem várias emoções diferentes, como a Alegria, o Medo, a Raiva, a Nojinho e a Tristeza. É dentro desse universo de sentimentos que o filme se passa, misturando emoções e os dilemas enfrentados pela personagem, que precisa lidar com seus problemas em meio de tantas mudanças. A Teoria das Emoções que Vigotski (2004) defendeu que as emoções deveriam ser estudadas com mais profundidade e em interseção com outras áreas da ciência, além da psicologia. O autor chamou atenção para a influência do fator histórico e sociocultural na formação das emoções.

O filme retrata a imaginação de forma lúdica, fazendo piadas e ao mesmo tempo mostrando a realidade e as consequências que a personagem teria de enfrentar caso continuasse com suas ações. O lúdico é uma forma de interação do estudante com o mundo, podendo utilizar-se de instrumentos que promovam a imaginação, a exploração, a curiosidade e o interesse, tais como jogos, brinquedos, modelos, exemplificações realizadas habitualmente pelo professor, entre outros. O lúdico permite uma maior interação entre os assuntos abordados e, quanto mais intensa for esta interação, maior será o nível de percepções e reestruturações cognitivas realizadas pelo estudante. O lúdico deve ser considerado na prática pedagógica, independentemente da série e da faixa etária do estudante, porém, adequando-se a elas quanto à linguagem, a abordagem, as estratégias e aos recursos utilizados como apoio. (Diretrizes Curriculares Da Educação de Ciências, 2008, p. 77)

Por conta disso achei que seria interessante os estudantes terem contato com a animação, além de se distraírem, por conta dos últimos relatos. Logo foi feita uma roda de conversa sobre qual conclusão eles tiveram do filme, alguns relataram que se sentiram bem percebendo que todas as emoções são importantes e que nada demais é bom, também comentaram sobre não existir sentimento melhor ou pior, cada um tem a sua importância na nossa vida.

6.3. Reflexão sobre o Projeto

Quando o projeto se deu por encerrado no bimestre, os estudantes decidiram prosseguir com a ideia dos post-its e continuaram fazendo frases de autoestima, percebi que os alunos que estavam fazendo parte do projeto estavam se aproximando na escola e criando uma certa amizade, provando que essa interação entre eles foi de extrema importância.

O que mais me chamou a atenção durante o projeto, foi o descaso da família e da escola, com declarações dos estudantes envolvendo abuso sexual, pedofilia e até tentativas de suicídio vindo dos alunos, foi impactante ouvir relatos, encaminhar para a direção do colégio e ver que nada pode ser feito. Também a família, muitas vezes composta de pessoas sem instrução, ignoram os fatos e acham que seja apenas “frescura” de adolescentes, casos seríssimos são deixados de lado o tempo todo, é frustrante! Notei que muitos alunos que participavam do projeto praticavam *cutting* (autolesão). Os que relataram que praticavam, diziam que a dor física que sentiam quando se auto mutilavam, “aliviava” a dor sentimental que estariam vivendo. Muitos se diziam arrependidos e que jamais fariam novamente, outros carregavam estiletes na mochila e praticavam diariamente.

Apesar de tudo, existem diversos canais de ajuda, como por exemplo O Centro de Valorização à Vida (CVV) fundado em São Paulo, em 1962, é uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, reconhecida como de Utilidade Pública Federal, desde 1973. Fiz o curso de voluntariado, que servia para prestar serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio para todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo e anonimato. Porém não cheguei a exercer por problemas pessoais, justamente envolvendo saúde mental.

A minha conclusão acerca do projeto de uma forma geral é que precisamos sim falar sobre prevenção do suicídio, bullying, mas com o auxílio necessário de profissionais como psicólogos, psicopedagogos e psiquiatras, que são essenciais para o tratamento de qualquer doença psicológica.

7 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV

Os métodos e práticas pedagógicas utilizadas no Estágio Supervisionado IV surgiram a partir dos coletivos de trabalho, encontros na universidade utilizando da

docência compartilhada, que funciona de uma forma dinâmica, segundo Nicolodi e Silva (2016):

Na docência compartilhada não existe um único professor designado responsável, mas posicionamentos e intervenções emergem como resultado das interações entre todos no espaço de trabalho. Através do planejamento coletivo, as decisões são compartilhadas e relacionam-se com as experiências que cooperativamente se deseja vivenciar. Nesse sentido, a docência compartilhada só se efetiva quando os participantes estão abertos para o diálogo na ação-reflexão-ação. (p. 109)

Para que esse planejamento coletivo funcionasse, nos juntamos em grupos e discutimos quais temas seriam abordados, se adaptando a um planejamento colaborativo e utilizando a pesquisa-ação.

O eixo central que foi trabalhado durante o Estágio Supervisionado IV, foi Educação Ambiental, escolhemos o tema Resíduos Sólidos para ser desenvolvido, por ser capaz de gerar problemáticas atuais, globais e têm sido apontado como um dos mais graves problemas ambientais urbanos em nossa sociedade, a ponto de ser criado no Brasil, em 2010, a Lei 12.305 que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, com vistas à gestão integrada e ao gerenciamento dos mesmos para a proteção da saúde pública e da qualidade ambiental. A situação dos resíduos sólidos atualmente é complicada de ser revertida, já que os costumes são difíceis de serem mudadas em curto prazo. Porém, os estudantes conseguem promover a conscientização e um olhar mais humanístico no que se refere ao meio ambiente e gestão dos resíduos sólidos.

A cidade de Matinhos, localizada no litoral do Paraná, conta com alguns problemas de saneamento básico, inclusive os resíduos sólidos gerados pela comunidade local. Na cidade é possível encontrar em diversos pontos o descarte de lixo nas ruas, praças e calçadas, falta de lixeiras e a falta de programas governamentais que incentivam a reciclagem e o descarte correto do lixo.

Também montamos uma horta vertical, que foi um meio que encontramos de colocarmos os alunos para mexer com a terra, montar uma estrutura que possa servir de plantio, além de utilizar esta prática como forma de abordar as questões de morfologia e energia.

Segundo Grzebieluka (2014):

O plantio de hortas e jardins torna o espaço escolar mais agradável, permitindo transformar o espaço ocioso em espaço verde, a qual permite aos alunos e a comunidade escolar vivenciarem os ciclos vitais da natureza, os cuidados com os seres vivos e atentarem para a importância de uma alimentação saudável. O desenvolvimento de projetos interdisciplinares é um momento oportuno de

integração entre várias áreas do conhecimento no planejamento de ações desenvolvidas junto às crianças, aos educadores, à família e à comunidade, mostrando através da participação de todos que pelo cultivo de plantas, percebe-se o equilíbrio ambiental sendo este fundamental para a sustentação da vida em nosso planeta (...). Sendo assim, a Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e classificações de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio. (p. 07).

Foi essencial para desenvolver atividades interdisciplinares que transformem a monotonia das aulas do ensino tradicional a uma atividade diferenciada proporcionando ao ambiente escolar uma área de contato direto com as plantas e com a natureza, esse contato é fundamental para a conscientização dos estudantes.

Para Grzebieluka (2014) a educação ambiental é um processo de reconhecimento de valores e classificações de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio. Justamente esse era o foco, uma apresentação e diversas discussões que façam os alunos verem de maneira diferente e possam contribuir para a sustentabilidade. E na prática tivemos a alegria de produzir uma horta vertical com a ajuda dos alunos. Assim, eles perceberam a importância de zelar pelo ambiente, bem como a melhora em sua alimentação. (GRZEBIELUKA, 2014)

Portanto, a horta passa a se tornar não só uma atividade interdisciplinar agradável, mas também uma atividade que pode transformar toda a sociedade local.

Por fim analisamos e discutimos as ações desenvolvidas, e se tais iniciativas colaboram para uma aprendizagem significativa e para mudanças nos hábitos que podem ser refletidas na própria qualidade de vida.

7.1. Relatos das Vivências

Como primeiro contato com os alunos, fizemos algumas atividades para que um vínculo fosse criado. Fizemos uma atividade que continha uma caixa com perguntas sobre o local em que eles estavam inseridos. No final da aula pedimos para que os alunos observassem a quadra da sua casa, e desenhassem um mapa identificando os problemas relacionados ao lixo, como um rio cheio, falta de coleta na rua, separação de lixo realizada pelos vizinhos e outros questionamentos.

No início do semestre aplicamos um questionário para os alunos, para que pudéssemos ter uma noção de seu conhecimento prévio sobre o assunto e qual a

importância que davam. Com os resultados obtidos, podemos identificar que os alunos não possuem um conhecimento prévio sobre o assunto e pareciam não se importar tanto com o assunto lixo. Apesar de que, quando questionados sobre as ações que seus familiares tomam em relação ao lixo, estes jogam os orgânicos na horta que possuem em casa e separam o óleo usado para produção de sabão caseiro.

A criação da horta na escola foi um sucesso, todos os alunos do grupo participaram de forma ativa, utilizamos tintas e pincéis da escola para decoração, plantamos diversos temperos e deixamos com placas indicativas. A horta ficou localizada na entrada da escola, em uma área fechada.

Usamos a metodologia de utilização de vídeos para explicar aos estudantes sobre o capitalismo, sua ideologia de consumo e produção sem limites. Essa abordagem problematizava a geração de altas quantidades de lixo no planeta, reciclagem, diferença de aterro e lixão, além de mostrar todo o problema que causado, negligenciando o lixo e a produção dele.

Também trabalhamos morfologia das plantas através da atividade de produção da horta, durante a aula falamos sobre os nutrientes, conversão de energia entre o solo e a planta, fotossíntese, minhocas, adubo, processo de compostagem, a importância do solo, da água e diversas outras abordagens.

No final do semestre aplicamos outro questionário, para que soubéssemos o impacto que as aulas tiveram nos alunos.

7.2. Reflexões sobre o Estágio IV

Notei diferenças significativas na forma de pensar dos alunos, o assunto que antes era nebuloso, agora se tornou de maior importância.

A docência compartilhada foi uma experiência diferente durante a minha formação como profissional professora, mas para que grandes mudanças acontecessem precisaríamos ter obtido um tempo em sala de aula que não foi possível. Os resultados são satisfatórios diante das dificuldades e o tempo disponibilizado para que fosse realizado este Estágio Supervisionado.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desses quatro anos de trajetória acadêmica, o que pude perceber em relação ao estágio obrigatório, além da volta à escola, com um pensamento diferente e crítico, tendente a uma visão como professora, agora prestando mais atenção, percebo que ser professor é muito mais do que apenas ensinar.

Finalizei a pesquisa ação na escola *Contra o Bullying e Prevenção do Suicídio no Contexto Escolar*, mas não prossegui com a mesma pela preservação da minha saúde mental. Mesmo fazendo um acompanhamento psicológico na época, não foi fácil ouvir todos os relatos e não poder ajudar mais, vários casos de estudantes que não têm acesso a alimentação, quando são obrigados a trabalhar desde criança, para ajudar nas contas da família na sua casa, inúmeros casos de pedofilia, abuso sexual, tentativas de suicídio, e pouco pode ser feito a respeito. Porém, isso que consideramos “pouco” já foi muito na minha vida, o melhor aprendizado que pude tirar do projeto foi quando no último dia do projeto, uma aluna me contou que salvei a vida dela, pois antes do projeto de prevenção do suicídio, ela já tinha desistido de viver. E hoje essa estudante segue bem, ainda mantemos contato pelas redes sociais. Era esse tipo de coisa que eu esperava conseguir com o projeto. No final, ainda me sinto vitoriosa por ter conseguido chegar até onde cheguei. Acredito que o Estado deveria se atentar mais à essas questões de saúde mental e priorizar a obrigatoriedade da presença de um profissional psicopedagogo em cada escola.

Uma coisa que me marcou muito durante o estágio foi perceber que pra muitas pessoas, o fato de adolescentes estarem se auto mutilando e com sintomas depressivos e suicidas era irrelevante. Como se o sentimento deles não importasse, e os estudantes conseguiam perceber isso também. De certa forma foi doloroso presenciar a falta de empatia de diversos lados dentro da escola, tanto de agentes escolares, professores, pedagogos e dos próprios alunos, com isso priorizo novamente a importância de falar sobre todos os assuntos abordados na Monografia.

Considero que agora, com uma visão mais crítica, percebo que sou uma pessoa privilegiada, por ter tido acesso a uma Universidade Pública com muitos recursos, por poder recorrer a um tratamento psicoterapêutico, e também por ter acesso desde cedo a lazer e cultura, que são essenciais na vida de qualquer pessoa, e sou grata por isso.

Enfim, o estágio é um momento de aprendizagem em que eu sei que podia errar na tentativa de acertar, mas ainda posso indagar e questionar para me preparar para o

momento em que, como profissional professora, sempre fazer o correto. Como futura Professora de Ciências, espero conseguir levar a informação para meus alunos, de reconhecer possíveis abusos, levar a conscientização sobre a importância de denunciar e também sempre prezar pela preservação da saúde mental, de forma geral, uma docência mais humanizada e empática.

9 REFERÊNCIAS

BEZERRA, A. R. DE R. Contribuições Da Pedagogia Freireana À Roda De Conversa Sobre Textos Literários. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2009.

BRANDEN, N. Autoestima e seus pilares. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

BRASIL. LEI 12305, de 02 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112305.htm > Acessado Em: 18/10/2018

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Ciências Naturais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.2. 6. Organização Mundial da Saúde

CHASSOT, A. A Educação no Ensino de Química. Ijuí: Unijuí, 1990

COSTANTINI, A. Bullying, como combatê-lo?: prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

CUNHA, M. I. DA. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Revista da Faculdade de Educação, v. 23, n. 1–2, jan. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-25551997000100010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em: 25/09/2018.

DEMAJOROVIC, J.; Da política tradicional de tratamento do lixo a política de gestão dos resíduos sólidos, as novas prioridades; Revista de Administração das Empresas; São Paulo, v.35, n.3, p.88-93, 1995.

DIAZ, A. P.; Educação Ambiental como Projeto; Alberto Pardo Díaz; trad. Fátima Murad. 2. Ed. Porto Alegre; ARTMED, 2002.

DIRETRIZES CURRICULARES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ (2008). Disponível em <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_cien.pdf>.

Acessado em 05/09/2018

FAGUNDES, T. B. Os Conceitos do Professor Pesquisador e Professor Reflexivo: Perspectivas do Trabalho Docente. Revista Brasileira de Educação. V.21 n. 65 2016.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, São Paulo: Versus, 2005.

FETEMS – Federação dos Trabalhadores em Educação de Mato Grosso do Sul. Aula de Cidadania. Mato Grosso do Sul/MS: FETEMS, 2009.

FREIRE, A. N. E A., SILVA, J. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. Psicol. Esc. Educ., 2012.

FREIRE, ANA MARIA. (2001). Concepções orientadoras do processo de aprendizagem do ensino nos estágios pedagógicos. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2001. Disponível em <<http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf>> Acessado em: 19/10/2018

FREIRE, PAULO. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, PAULO. Pedagogia do Oprimido. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, PAULO. Educação e mudança. Coleção Educação e mudança vol.1.9ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983

FREINET, C. A. Educação do Trabalho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREINET, C. A. Pedagogia do Bom Senso. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GRZEBIELUKA, D.; KUBIAK, I.; SCHILLER, A. M.; Educação Ambiental: A importância desde debate na Educação Infantil. Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas; UFSM, Santa Maria, Revista Monografias Ambientais – REMOA v.13, n.5, 2014.

KRASILCHIK, M. O professor e o currículo de Ciências. São Paulo: EPU/Edusp,1987.

LOPES, A. C. Conhecimento escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

LOPES NETO AA. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. J Pediatra (Rio J). 2005.

LOPES, M. M. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as Ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997

MINISTÉRIO DA SAÚDE (2006). Diretrizes brasileiras para um plano nacional de prevenção do suicídio. Portaria nº 1.876 de 14 de agosto de 2006.

NICOLODI, S. C. F.; SILVA, V da. Formação de professores e formação humana: não é só necessária, mas possível. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 107-125, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n61/1984-0411-er-61-00107.pdf>>. Acessado em: 08/11/2018.

NUNES, M. F. HERMAN, T. B., AMORIM, C. Um estudo sobre Bullying na Cidade de Curitiba. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009.

OLIVEIRA, T. L. de FREITAS. VARGAS, I. Vivências Integradas à Natureza: por uma Educação Ambiental que estimule os sentidos. A Revista eletrônica, v. 22, janeiro a julho de 2009.

OLIVEIRA A.; AMÂNCIO L.; SAMPAIO D. Arriscar morrer para sobreviver: Olhar sobre o suicídio adolescente. Análise Psicológica, 2001.

OMS - PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: Manual para Professores e Educadores TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS DEPARTAMENTO DE SAÚDE MENTAL ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE GENEVRA. Tradutor: Sabrina Stefanello e Neury Jose Botega. 29 Páginas, 2000.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS.
Disponível em:
<http://www.litoral.ufpr.br/sites/default/files/PPC_LicCiencias_junho_2011.pdf>
Acessado em 21/07/2018.

REGIMENTO ESCOLAR COLÉGIO ESTADUAL GABRIEL DE LARA.
Disponível em
<http://www.mosgabrieldelara.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/21/1580/105/arquivos/File/REGIMENTO_ESCOLAR.pdf> Acessado em 21/07/2018.

RIBEIRO, K.C.S., OLIVEIRA, J.S.C., COUTINHO, M.P.L.& ARAÚJO, L.F. Representações sociais da depressão no contexto escolar. Paidéia, vol. 17, no. 38, 2007, pp. 417-430. Editorial Universidade de São Paulo. (2007) Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3054/305423759011/>> Acessado em: 14/10/2018.

ROSA, P. R. DA S. O uso dos recursos audiovisuais e o ensino de ciências, 2000. Disponível em: <http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/handle/123456789/1557> > Acessado em 12/10/2018.

RYCKEBUSCH, C. G. A Roda de Conversa na Educação Infantil: uma abordagem crítico colaborativa na produção de conhecimento. 2011. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SANTOS, B.S. Introdução à uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SARMENTO, H. B. DE M.; PAIXÃO, C. J.; NUNES, COSTA, C. DO S. Violência e ética no cotidiano das escolas. Belém: Unama, 2009.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2011.

TIBA, I. Disciplina: limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1999.

TIBURI, MARCIA. Como conversar com um fascista: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2015

VIER M, L., & GONÇALVES D. F., M., & SHIMA B., S. Teoria das emoções em Vigotski. Psicologia em Estudo, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122492015>> Acessado em:09/10/2018.

VIGOTSKY, L. (2004). “Teoria de las Emociones: estudio histórico-psicológico”. Madrid, Akal. (Texto original publicado em 1933).

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente - O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizadores Michael Cole...[et al.]; tradução José Cipola Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

WEIMER, W. R. E MOREIRA, E. C. Violência e bullying: manifestações e consequências nas aulas de Educação Física escolar. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, 2014.

WIKIPEDIA. O massacre de Realengo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Realengo> Acessado em 10/11/2018.

10 FILMOGRAFIA

DIVERTIDA MENTE (Inside out). Direção: Pete Docter. Produção: Jonas Rivera. Walt Disney Pictures, 2015. 94 min, cor.

O FUTURO DA ESCOLA: SEYMOUR PAPERT & PAULO FREIRE - Uma Conversa Sobre Informática, Ensino e Aprendizagem. Produção: TV PUC. São Paulo: PUC-SP, 1996. 60 min, cor.

TIROS EM COLUMBINE (Bowling for Columbine). Roteiro e Direção: Michael Moore, 2002. 120 min, cor